

HOMENAGEM

Uma lição de Milton, o filósofo da Geografia

Maria Adélia Aparecida de Souza

Geógrafa, Professora Doutora da Universidade Estadual de Campinas
e da Universidade de São Paulo.

Tive o privilégio de ter Milton Santos como amigo, parceiro de muitas caminhadas, socorro nas horas graves, mestre na vida e na Geografia.

Com ele tentava aprender sobre a paciência, a espera, o rigor, o texto claro, com sonoridade agradável; a não ter medo de pensar, a não ceder nunca, mas a jamais fechar a porta. Com ele estava aprendendo a descobrir a Filosofia para compreender a Geografia e, com ela, entender este mundo novo, mutante, veloz, onde a volúpia enleva os incautos.

Ensinou-me que a Geografia é uma filosofia das técnicas que tem uma imensa contribuição a dar para a compreensão da sociedade e, com isso, olhar de frente e otimista para este *período popular da história* em que vivemos. Tempo de esperança no mundo novo, que se forja com a participação efetiva da maioria pobre, com suas maravilhosas estratégias de sobrevivência e de vida. Mundo novo e ainda incompreensível. Mundo solidário desses *homens pobres e lentos* que dominam o planeta. Entendi que, hoje, a âncora é o futuro, e que temos a possibilidade de decidir como nunca sobre ele; que o passado é reflexão, o futuro, uma certeza; que a globalização é uma metáfora e que é nos lugares, esse espaço do acontecer solidário, que se forja a resistência no embate da vida cotidiana.

Sobre a vida, ensinou-me que somos únicos, que é fundamental acreditar na humanidade e ter confiança no povo; que o amor não é uma linearidade, e não é a razão quem decide sobre ele. Ensinou-me o que havia aprendido com seu grande amigo Navarro de Brito, que não tenho inimigos, pois sou eu quem os escolhe. “Não aprendi ainda a lição da paciência, atributo da juventude,” ainda ontem ele me dizia. “Confundo-a, por vezes, com a tolerância desnecessária. Não suporto a intolerância e a hipocrisia da sociedade e da Universidade para com os negros e, mais ainda, para com os negros

ilustres”. Eu o vi, durante décadas, divertir-se e enfrentá-las com a sabedoria dos grandes.

Demorei a enfronhar-me em suas conversas: seu subtexto é que era precioso; sua ironia, imaculada; sua alegria, contagiante. O Brasil perdeu com Milton muito da sua alegria e da sua ternura, atributos inadmissíveis para tão difícil, firme e complexa personalidade. Mas quem se esquecerá da elegância e da ternura de Milton?

Sua obra, ainda pouco conhecida e estudada no Brasil, revoluciona não apenas a Geografia mas também as Ciências Humanas e Sociais. Com sua genial conceituação sobre o espaço geográfico, *esse sistema indissociável de objetos e ações*, Milton nos dá a possibilidade de compreender a totalidade-mundo. Revisita a Geografia e oferece, especialmente aos geógrafos brasileiros, a possibilidade ímpar de aprofundar o conhecimento sobre o nosso País, oferecendo-nos uma preciosidade que é a compreensão, neste gigante continental, do território como abrigo de todos os homens, ou o espaço banal e o território como recurso para os interesses hegemônicos e para as políticas levadas a efeito no Brasil de hoje. Compreender a formação territorial a partir desses conceitos é oferecer à sociedade um texto geográfico rigoroso que poderá fundamentar um discurso político vigoroso.

Ensinou-me a ver então que o Brasil de hoje é governado em função dos interesses dos poderosos, pois para eles o território é preparado. O povo perde cada vez mais seu abrigo: não há trabalho, não há comida, não há escolas, hospitais. O território do povo está esquecido.

Sugeriu-me a Geografia das Desigualdades e despertou-me o interesse pela Geografia da Fome, apesar de certa parte da comunidade científica insistir que ela foi abolida do mundo, há décadas.

Ensinou-me sobre o método no trabalho intelectual: na Geografia, a ter rigor metodológico e conceitual para jamais me deixar enganar com falsas questões e problemas científicos. Foi crítico contundente da formulação difundida sobre a questão ambiental, à qual juntei a crítica à “sustentabilidade”, ensinando-me o rigor da diferenciação entre a natureza, o espaço geográfico, o *meio*. Foi um artesão do método. A Geografia jamais poderá ser a mesma depois da obra de Milton. Persistir entendendo-a como “física”, relacionando sociedade e natureza, é ignorar o movimento do mundo, explicado não apenas pelos geógrafos mas também pelas ciências em geral; é ignorar a história dos homens.

Milton ensinava-me que atravessamos a racionalidade econômica, sem muitos avanços para a totalidade da humanidade, e que estamos mergulhando na nova racionalidade, a racionalidade política.

É chegada a hora da verdade. É preciso estar preparado para ela. E ela precisará, e muito, dos bons intelectuais. É preciso preparar-nos para a grande batalha que se avizinha, me dizia ele, há exatos dez dias, resistindo à insuportável dor que o torturava. É preciso continuar, sempre ... Vamos continuar, insistiu várias vezes...

A partida de Milton nos deixa órfãos: o Brasil perde um de seus mais dedicados vigilantes; a política brasileira, um observador e pensador rigoroso, seu revolucionário mais autêntico. A Geografia perde seu filósofo, a Universidade seu mais elegante, destacado, dedicado e competente professor e intelectual.

Perdemos, seus discípulos, amigos e alunos espalhados pelo mundo todo, nosso mestre e um grande amigo.

Mas o céu está em festa...

Viva Milton Santos, um cidadão do mundo que nos deixa a esperança como herança!

Ao Armando, mestre e amigo

Lídia Antongiovanni

Geógrafa, Professora do Departamento de Geografia
da Universidade Federal do Espírito Santo.

O professor Armando Corrêa da Silva foi, antes de tudo, uma referência fundamental para minha vida. Todo estudante que o conhecia e conseguia compreender um pouco da sua profundidade ficava encantado e perplexo. Era homem circunspeto e profundo e ao mesmo tempo alegre.

Quando cheguei como caloura na Universidade de São Paulo (USP), um dos meus primeiros mestres foi o professor Armando. A disciplina Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia era por ele ministrada em meio a incansáveis andanças, de um lado para outro, pela sala de aula, acompanhadas por intermináveis cigarros. Fazia perguntas desconcertantes. Do alto da nossa ignorância, era impossível não nos apaixonarmos por tanto conhecimento.

Aquele curso foi um choque. O Armando quebrou as nossas estruturas rígidas, herdadas no ensino fundamental e médio. Aqueles momentos marcaram a descoberta da Universidade. Ali, atitude e independência eram fundamentais. Inúmeros questionamentos eram-nos propostos todos os dias: a existência, o real, o concreto, a subjetividade, o sujeito... Um universo de possibilidades emergiu. Daí em diante, sabíamos que a tarefa seria árdua, porém prazerosa.

Pudemos também compartilhar a companhia do Armando nos pátios da Geografia da USP. Parávamos para ouvir e curtir seus questionamentos, sempre intrigantes, desconcertantes, suas histórias sobre como participou da construção da Geografia brasileira e da produção acadêmica, sua relação com a música e a poesia.

Mais adiante, deparei-me com o Armando no curso de Geografia da População. Naquele momento da Geografia, este era um tema árido, hostil às divagações. Entretanto, com o mestre Armando, as coisas foram diferentes. A população deixou de ser tratada apenas como abstrações numéricas. As trajetórias particulares tinham que ser consideradas. Nesse momento, então, ele discutia a questão, falando de sua trajetória particular, de quando se tornou um migrante ao sair de casa para comprar cigarros e só voltar alguns anos depois. Desde então, revoltamo-nos com as estatísticas.

Entre um debate e outro sempre havia tempo para uma cerveja, uma música ao piano, uma poesia nos bares da Vila Madalena, o que, aliás, virou tema de tese.

Preocupava-se muito com nosso destino e com nossa falta de espírito crítico. Mas valorizava muito o espírito jovem. Gostava muito de estar com os jovens, isto é, com aqueles que ainda não estavam comprometidos com as estruturas estabelecidas e se preocupavam apenas com as aparências. Questionava sempre a nossa atitude como homens ou mulheres. Não perdoava nossa assexualidade.

Homem de cultura refinada, era simples no seu dia-a-dia. Mantinha sua rotina e fazia questão de nos dizer que só acordava depois das duas da tarde. Fazia questão de festa e prezava a solidão como forma de alimentar a vida.

Seu trabalho emergia do diálogo profundo com o mundo, da aguda observação e da não-aceitação dos padrões acadêmicos.

Sua constante preocupação com a epistemologia da Geografia, com a ontologia do espaço, estimulava-nos a pensar temas novos. Produziu inúmeros textos, mas não tinha a preocupação de publicá-los. Entretanto dava-nos para que os lêssemos e dêssemos nossas sugestões.

Sempre colocando o sujeito como centro, não aceitava as limitações das generalizações, das tábulas rasas que fazemos das relações humanas, dos raciocínios lineares, das teorias absolutistas.

Com o professor Armando aprendi que a academia só é profícua quando estamos constantemente criticando-a, contrariando os pensamentos e as relações cristalizadas.

Não precisaria, mas devo dizer que é muito difícil homenagear um homem da profundidade do Armando e falar da importância que teve para a minha vida e para a Geografia. Fica aqui apenas um depoimento e uma declaração do meu afeto por esse homem e professor que, seguramente, mudou o rumo de muitas vidas.

Mesmo sem autorização, queria lembrar que essa história com o professor Armando não foi vivida apenas por mim, mas também por um grupo de alunos e amigos dele: a Dri, o Lalau, o Billy, a Patty, o Reinaldo, a Aninha e muitos outros que freqüentavam o Departamento de Geografia da USP, numa época em que nos reuníamos no bar para discutir os rumos da Geografia e para fazer a terapia coletiva tão necessária à sobrevivência da nossa criatividade.

Para Armando, com muito carinho e muitas saudades.

Os diversos possíveis de Jara de Almeida

Cláudio Luiz Zanotelli

Geógrafo, Professor Doutor do Departamento de Geografia
da Universidade Federal do Espírito Santo.

Ser ou não ser geógrafo, eis a questão

Escrever sobre alguém que morreu é tarefa difícil, sobretudo quando se trata de um colega próximo. Jara de Almeida deve ser lembrado pelas marcas que deixou. Essas marcas são forjadas de um material imperecível que é o sentimento da ausência. A perda é algo que as civilizações sempre tentaram, de todas as maneiras, intermediar. Suportar o desaparecimento de nós mesmos e de seres queridos é algo de desagregador para a sociedade humana. A morte é o irreversível, o fatídico. Mas, quando pensamos no mundo como uma aventura e que encaramos a vida como uma criação a experiência da morte pode ser o acabamento de uma obra.

Jara de Almeida fez da sua vida uma obra ao colocar a Geografia como amor do saber. Um conhecido me relatou uma experiência de Jara nos anos setenta, que não sei se verídica, pois nunca interroguei Jara a esse propósito, mas a descreverei, rapidamente, acreditando que ela exemplifica o Jara que todos nós conhecemos. Segundo essa pessoa Jara circulava certos dias pelo Centro de Vitória, notadamente pelo antigo Bar Britz, ponto de encontro dos boêmios da capital, com um globo colocado sobre a palma de uma das mãos. Ele, segundo esse relato, olhava para o globo e lançava *Ser ou não ser geógrafo, eis a questão!* Acredito que podemos descrever Jara por meio dessa alegoria. Ele estava sempre questionando o papel dos professores, dos alunos e do conhecimento, estava sempre disposto para um dedo de prosa manifestando um entusiasmo nas discussões sobre a Geografia. Na Feira do Verde, patrocinada pela Prefeitura de Vitória no ano 2000, no Parque da Pedra da Cebola, ele realizou uma instalação buscando reproduzir a experiência que chamava de *Possibilismo*, de recuperação de um espaço próximo a sua casa, esse lugar se transformou de antigo depósito de lixo, com a participação dos vizinhos, em um pequeno jardim.

Nessas poucas palavras fica o registro das ações de Jara e a homenagem a um colega que infelizmente não pude conhecer mais profundamente, mas que continuará vivo em nossa memória.

